



ENTRE



VISTA

Ricardo Franassovici: o homem e o empresário

Nos meios audiófilos internacionais — e, quando eu digo internacionais, englobo não só a Europa, mas também o Japão e os E.U. — um nome está indissociavelmente ligado àquilo a que vulgarmente se chama «high-end», em termos de alta fidelidade, ou seja: a gama alta das mais famosas marcas americanas, cujo preço as coloca apenas ao alcance de uma minoria privilegiada — **Ricardo Franassovici.** Ora, é exactamente do conceito comumente aceite de «privilegiado» que Ricardo Franassovici discorda. Para Ricardo Franassovici, privilegiado é aquele que, aproveitando embora o indispensável bem-estar financeiro, o sabe aplicar na satisfação das necessidades do espírito — o prazer de ouvir música em sua casa, como se entre os intérpretes e você nada existisse. **A ironia está exactamente em que é preciso pagar muito para que «nada exista» — a não ser a música.**



Poucas pessoas que eu conheço conseguem conciliar, como Ricardo Franassovici, esta estranha dicotomia, este antagonismo latente que a todos nos dilacera, entre o material e o espiritual; entre o dinheiro e a cultura humanística; entre a necessidade de nos mantermos a par dos últimos avanços tecnológicos e o desejo de não perder a nossa identidade cultural.

De ascendência franco-romena, dominando fluentemente as principais lín-

guas da Europa comunitária, incluindo o português, Ricardo Franassovici é bem a personificação de uma Europa que, ciente da sua superioridade cultural, procura no «Novo Mundo» a resposta para os seus anseios: a tecnologia que permita reproduzir fielmente o nosso legado histórico-cultural comum.

«Calcula, José, que eu chegava a deslocar-me propositadamente a Viena para ouvir um concerto. E encontrava lá sempre as mesmas pessoas. As pes-

soas ricas para quem a música é prioritária nas suas vidas, mas que não sabiam que é possível reproduzir o que estávamos a ouvir em suas próprias casas, de uma forma natural, sem ênfase electrónica; apenas e só aquilo que realmente se passa na sala de concertos. E pensei: se as pessoas são capazes de gastar milhares de contos num carro, apenas por uma questão de prestígio, quando não por vaidade, por que não investirem num sistema de alta fidelidade que, para além do prestígio, lhes pode dar uma satisfação pessoal bem mais recompensadora do que andar a gastar pneus, ou ficar «engarrafado» no meio do trânsito. Com a dificuldade que há em obter bilhetes para os concertos, e o tempo horroroso que faz aqui em Inglaterra (Ah, que saudades eu tenho dos tempos que vivi em Portugal!), achei que era altura de propor uma alternativa: sistemas de alta fidelidade que competem em termos de preço com os Mercedes, BMW e Rolls-Royce, que abundam por aí, e, em termos de qualidade, com o acontecimento em si.

Em 1979, fundei a Absolute Sounds. O meu primeiro grande produto foi a célula Koetsu, que está hoje reconhecida como a melhor do mundo. Sugano é um génio, e a Koetsu Gold Signature é pouco menos do que a realização do impossível. Hoje, entre outras marcas represento a Apogée, as tais colunas que veste cá ouvir, a Audio Research, Counterpoint, Goldmund, Krell, Magneplanar, Oracle, PS Audio, Robertson Audio, os Jadis, etc. Enfim, a nata da alta fidelidade mundial. Não é sem uma ponta de orgulho que digo que, se é verdade que o facto de representar estas marcas me deu prestígio, hoje são as próprias marcas que ganham prestígio por eu as representar. E isto, porque é conhecido como eu sou exigente, em termos de qualidade. Se eu represento uma marca, isso significa que, dentro da sua gama de preço, ela está conforme com o meu padrão de qualidade. E o meu padrão de qualidade é a música ao vivo.



É confragedor verificar como certos críticos ingleses se pronunciam sobre a qualidade de um equipamento, quando depois me confessam que há anos que não vão a um concerto. Alguns dos críticos mais jovens só conhecem o som de um saxofone, ou de uma flauta, através de um PA, cuja qualidade é normalmente péssima. Um oboé tem que soar como um oboé, nem mais nem menos. Estás a ouvir aquele oboé ali ao fundo à esquerda? Vai ficar ali o tempo todo. Não vai andar a «passar» pelo palco sonoro. É mesmo possível saber a que distância está a parede de fundo e a lateral, ou até o músico mais próximo». E era, de facto.

Pois, foi este homem, que agora já conhecem um pouco melhor, que me recebeu em sua própria casa, e não no escritório («José, receber um português é como deixar entrar um pouco de Portugal nesta casa — o mar, o sol; é como reviver o passado»).

Na sua vida privada, Ricardo Franasovici, mantém a mesma atitude perante a vida, o que prova como é coerente na forma como se afirmou no mundo dos negócios. Embora resida numa das melhores zonas de Londres, numa belíssima vivenda, daquelas que só vemos nas séries de categoria da BBC, Ricardo recebeu-me de jeans, T-shirt e barba por fazer, ou seja: como quem recebe um amigo de longa data, sem cerimónias, de uma forma afectuosa e simples.

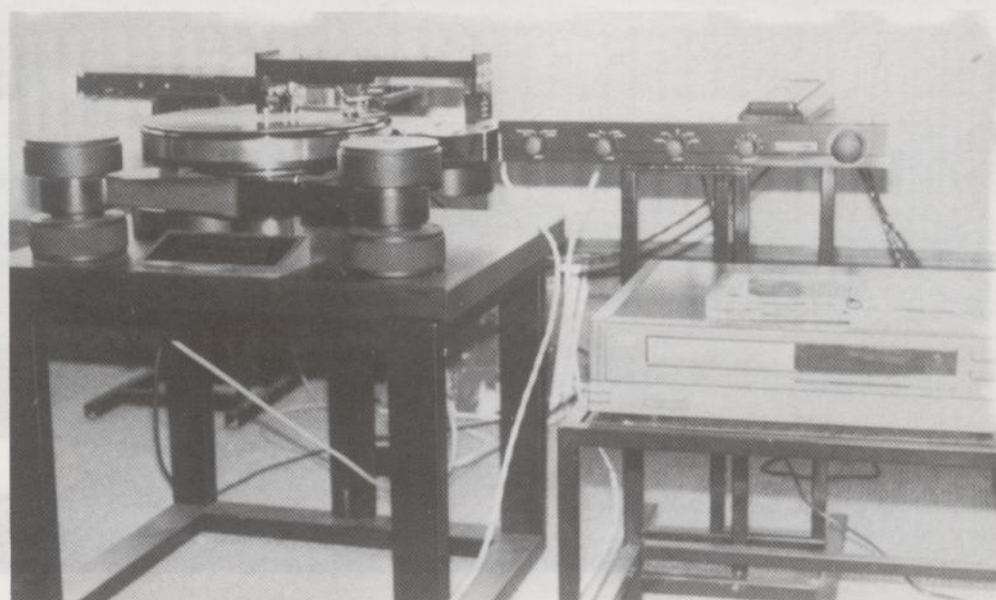
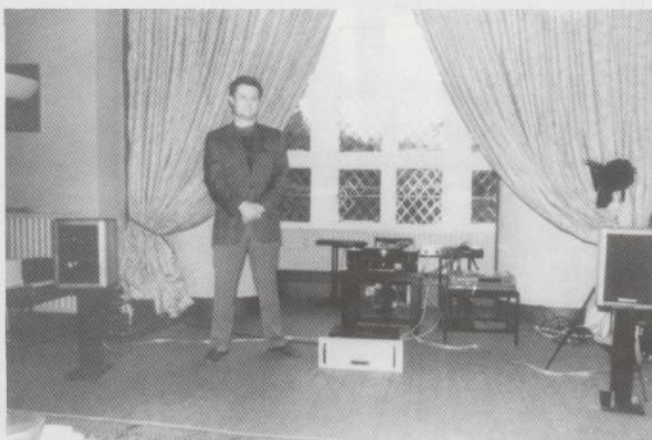
«Olá, José, ainda bem que vieste. Tenho aqui umas coisitas novas (já vão ver aquilo a que ele chama «coisitas»...) e gostaria de ouvir a tua opinião».

Em casa de ferreiro espeto de pau?

Diz o ditado bem português que «em casa de ferreiro espeto de pau». Neste caso, a paixão de Ricardo por tudo o que é português não é extensiva ao seu sistema de som. Tendo passado por um pequeno hall de entrada decorado num estilo bem inglês, entrei na «gruta do tesouro»: uma sala decorada num estilo neo-clássico italiano que curiosamente deixa transparecer as influências culturais do seu morador. Tinha chegado o momento da verdade.

O sistema de som de Ricardo Franasovici

As Apogée não estavam lá! No seu lugar, montadas em pedestais especiais, as pequenas Sonus Faber, de fabrico italiano, faziam as honras da casa. Ricardo viu a desilusão espelhada no meu rosto.



«Sabes, eu gosto de fazer experiências; de combinar diferentes componentes. As Apogée não me permitem isso. São tão pesadas que sempre que as pretendesse mudar de sítio teria que pedir ajuda ao vizinho. Vais ver que não ficas desiludido. Além disso, vais ter oportunidade de ouvir as Apogée em tua própria casa» (Atenção: promessa já cumprida. O teste sairá logo que possível). Mas vamos à descrição dos diferentes componentes:

Gira-discos: GOLDMUND REFERENCE/Célula Goldmund Gold

Gira-compactos: MICRO-SEIKI CD M 2

Prévio: PS AUDIO 4.5

Amplificadores: JADIS JA 200 W classe A

Colunas: SONUS FABER

Cabos: MONSTER, SILTECH, outros (protótipos).

Para os entendidos, chamo a particular atenção para as novidades mundiais, que ainda não foram referenciadas por qualquer outra revista (como esta reportagem só é publicada 3 meses depois de escrita, pode ser que entretanto surjam referências a este material): a nova célula da Goldmund, o novis-

simo Micro-Seiki, que utiliza 16 bits 2X «oversampling» e pesa 22 quilos! (o preço deve rondar os 600 contos), os novos Jadis que incluem já o novo sistema de protecção (protecção a mais, como iremos ver); e as Sonus Faber Elector.

OS COMPONENTES UM A UM:

Goldmund Reference

Tal como o nome indica, trata-se de um gira-discos de referência. E, quando eu digo referência, refiro-me à referência mundial absoluta. Se todos os gira-discos soassem assim, não teria sido necessário procurar suportes alternativos. O «brinquedo», cujo aspecto impressionante podem observar na foto, pesa algumas dezenas de quilos, custa 15 mil libras (!!), e é preciso estar na lista de espera para se poder adquirir um dos cerca de trinta exemplares que são fabricados anualmente.

O Goldmund que, curiosamente, é de fabrico francês, vem equipado com o braço T3F, cujo sistema de funcionamento é um misto do braço convencional, que gira sobre um pivot, e o braço tangencial, que percorre o disco na paralela, controlado por um servo-controlo separado — que mais parece um pequeno pré-amplificador. As informações para o servo-controlo são fornecidas por sensores ópticos montados na extremidade de um pequeno braço fixo que acompanha o braço propriamente dito. Ao contrário do que se poderia pensar, o funcionamento do braço é totalmente automático.

A afinação do braço e da própria suspensão deve ser um verdadeiro pesadelo. A tal ponto, que até mesmo R. Franasovici se referiu ao facto de o gira-discos não estar perfeitamente equilibrado. «Fará se estivesse!», pensei eu, quando o ouvi tocar.

O prato é fabricado a partir de «vinil» — isso mesmo, o tal material de que são feitos os discos pretos, por se ter verificado ser o que melhor controla as ressonâncias.

Montada no braço, não a Koetsu Red Signature — como seria de esperar em tal ambiente —, mas a novíssima Goldmund Gold. A primeira impressão de audição foi ótima. Pudera!

Micro Seiki CD M2

O CD M2 é a resposta da Micro Seiki na já longa guerra dos gira-compactos.

Já o descrevi sucintamente e, dadas as circunstâncias — com um Goldmund Reference em casa quem é que quer ouvir compactos? —, creio não poder adiantar mais nada.

PS Audio 4.5

É raro ver-se um prévio de preço mediano em tão augusta companhia. Estes «acasalamentos» contra-natura fazem, no entanto, parte da filosofia audiófila de R. Franasovici: «Costuma dizer-se que o som de um sistema será tanto mais fraco, quanto mais fraco for o pior elo da cadeia. Eu penso que, por vezes, é preciso integrarmos o tal «elo fraco» num sistema desta categoria para constatar que de fraco não tem nada, só o preço». O desempenho deste elegante prévio de cor negra e de características minimalistas é deveras excelente, especialmente quando se opta pelo «straight wire mode» (ganho passivo).

Jadis JA 200 W

Eu já tinha chamado a atenção dos nossos leitores para os famosos Jadis, quando da reportagem das Jornadas, em Paris (lembram-se? São aqueles amplificadores sobrecompridos que estavam expostos na sala onde se demonstravam as Martin-Logan). Pois os Jadis, que já me tinham enchido os olhos, fizeram agora outro tanto aos meus ouvidos. Uau!, aquelas médias frequências ficam-nos gravadas na alma: que transparência, que som mais líquido — numa palavra, que maravilha! A primeira impressão é de deslumbramento. Após algumas horas de audição, já mais feito da emoção, pude, no entanto, concluir que a largura de banda é um pouco limitada — há como que um corte muito lento das altas frequências a partir aí dos 10 kHz. Ricardo concordou imediatamente com a minha análise: «Sabes, o fabricante (francês, também) considera que acima dos 10 kHz só lá está «lixo». Assim, optou por otimizar os amplificadores na gama-média, com os resultados que tens estado a ouvir.»

Durante a audição, os Jadis provaram também ser muito caprichosos: o sistema de protecção das válvulas entrava em funcionamento, sem motivo aparente, e desligava um dos amplificadores. «Os primeiros Jadis não tinham sistema de protecção», explicou Ricardo,

«de maneira que queimavam válvulas umas atrás das outras. Calcula que, mesmo assim, eles se vendiam. E tudo porque as pessoas ficam presas ao sortilégio deste som. Agora tenho aqui estes protótipos com um sistema de correcção, mas parece que é protecção a mais», ironizou.

Como se aproximava a hora do almoço, fomos ambos, Ricardo e eu, buscar um Audio Research D-115 para substituir o renitente Jadis. O D-115 ficou a aquecer, enquanto nós nos regalávamos com uma «pizza», numa «pizzaria» próxima, regada com um branco italiano.

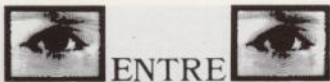
A audição do Audio Research D-115 (os monoblocos M 300 pesavam tanto que tivemos que optar por este; tanto mais que caía uma morrinha irritante), quanto mais não fosse, serviu para compreender por que razão há audiófilos que insistem em comprar os Jadis, apesar dos inconvenientes. Aquelas médias frequências são inultrapassáveis (Ricardo diz-me que os M 300 andam lá muito perto, com a vantagem de uma enorme largura de banda). É verdade que, em relação ao Audio Research, os Jadis tinham a vantagem de 72 horas de aquecimento prévio — e nós sabemos como, com este tipo de equipamento, este factor pode ser decisivo. Para além do evidente decréscimo de energia demonstrado pelos Jadis nas altas frequências — ainda que em perda aparente de detalhe —, a principal diferença centra-se na forma como ambos apre-

sentam as dimensões do palco sonoro: o Audio Research tem um foco central mais preciso, e maior profundidade; por outro lado, o palco sonoro dos Jadis é mais alargado. Os Jadis, no entanto, oferecem algo que, pelo menos na breve comparação que estabelecemos (tendo o cuidado de utilizar a mesma faixa do mesmo disco), se perde no D-115: a sensação de presença física, de tangibilidade. Pela primeira vez, ouvi aquilo a que certos críticos se referem como «ouvir as paredes do estúdio»: é que, consoante o disco que ouvia, eu tinha a sensação exacta das dimensões do estúdio, ou sala de concertos, em que tinha sido gravado. Certos amplificadores dão uma razoável sensação deste tipo de dimensões, especialmente no primeiro plano, mas o palco sonoro «arredonda-se» no plano de fundo, quando não se «afunila» mesmo. Resta acrescentar que os Jadis custam cerca de 2500 contos. Portanto, a este respeito, estamos conversados...

Sonus Faber Elector

Nada disto seria possível se as colunas utilizadas não cumprissem o seu papel de «janelas abertas sobre o palco sonoro». Tal como o prévio PS Audio 4.5, as Sonus Faber Elector são relativamente baratas, tendo em conta o elevado preço do restante equipamento. Contudo, para além do excelente «design» e soberbo acabamento — uma





ENTRE

verdadeira obra de arte — as Elector demonstraram, uma vez mais, que as colunas de som soam tanto melhor, quanto melhor for a fonte sonora. Apesar das limitações impostas pelas suas reduzidas dimensões, especialmente ao nível das baixas frequências, as Elector reproduzem correctamente o timbre quer dos timbales, quer dos contrabaixos, sem compressão aparente. A imagem estereofónica é recriada de uma forma espantosa, como já vimos, estendendo-se bem para lá das balizas formadas pela sua colocação na sala de audição, dando mesmo uma notável sensação de altura, isto é: embora as colunas se elevem, nos seus suportes, a cerca de 80 cm do chão, é perfeitamente



possível saber a que altura — relativamente ao som da sua guitarra — está a boca de Willie Nelson, por exemplo; que nos surge na sala de corpo inteiro e em três dimensões.

À excepção de um incrível compacto de Buddy Holly, transferido directamente das matrizes originais, toda a audição foi levada a cabo com discos pretos (quase todos da década de sessenta, já que Ricardo considera tratar-se da década de ouro da técnica de gravação — antes do advento da parafernália electrónica, dos compressores, dos limitadores, dos Dolby, e das digitalites agudas) que eram previamente sujeitos a um tratamento de choque com P-2, numa máquina «Nitty Gritty» de lavar discos — que mais parece uma grafonola antiga, mas sem a corneta. Os discos ficam como novos!

Como os Jadis continuassem a mostrar a propensão para desligar, alvitrei a hipótese de trocar as válvulas de um para outro dos amplificadores (os Jadis são monoblocos). Curiosamente, e para grande espanto de Ricardo Franassovici — e meu, já agora — o problema deixou de se verificar! Só que com ele tinha desaparecido parte da magia do som — seriam precisas mais algumas horas até que os circuitos se habituassem ao «corpo estranho». São assim os Jadis: ou se amam, ou se detestam...

Segui-se uma sessão de fotografias (infelizmente tive de utilizar filme negativo, em vez do habitual diapositivo, pelo que os resultados não são tão bons como seria desejável) para a qual, Ricardo achou por bem vestir-se a contento. O cenário é o da sua própria casa — uma honra que agradeço em nome da IMASOM.

Texto e fotos de José Vítor Henriques